

Discursos sobre transplantes nas páginas da Revista Veja (1968 – 1972)

LUCIMAR ALBERTI¹

1) Introdução

Ao longo das últimas décadas a historiografia tem ampliado consideravelmente seu campo de análise, acrescentando ao trabalho do historiador, problemas, métodos e fontes que até certo tempo não pertenciam a esse universo. Questões que anteriormente não eram consideradas importantes passaram a receber maior atenção. Situação enfrentada, por exemplo, com as discussões relacionadas à saúde e aos cuidados com a vida de uma maneira mais ampla, bem como as doenças e, de forma mais específica, os procedimentos que buscam a cura dos pacientes e, neste caso, os transplantes de coração. Desse modo, o presente trabalho pretende identificar os discursos existentes, durante os anos de 1968 e 1972, acerca dos transplantes de coração, procedimento esse desenvolvido ao longo do século XX, e realizado no Brasil pela primeira vez em 1968. Para isso, no presente artigo, analiso dez reportagens da Revista Veja, de sua seção intitulada Medicina, na qual são abordadas as possibilidades representadas pelos transplantes cardíacos.

Desenvolvo minha análise a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, que compreendem as revistas enquanto artefatos que, não apenas informam seus leitores, mas que também atuam na educação dos seus leitores. Assim, para essa análise utilizo as teorizações de Gilian Rose acerca dos discursos, entendendo-o como uma maneira de informar acerca das possibilidades de estar e agir no mundo. Além dele, também utilizo o conceito de modos de endereçamento, de Elizabeth Ellsworth, o qual trata da maneira como um artefato cultural é produzido a partir daquilo que se imagina fazer sentido à audiência a quem se destina esse artefato. Assim, a partir das contribuições dessas duas autoras, compreendo ser possível constituir uma rede, mesmo que ampla, sobre o que se pensava a respeito dos transplantes de coração, por parte dos leitores da revista Veja, entre os anos de 1968 e 1972.

Busco, a partir dessa análise, posicionar esses discursos, relacionando-os com o momento histórico vivenciado pelo Brasil, o qual era fortemente marcado pelo ufanismo característico do Regime Militar. Pretendo, assim, contribuir para a ampliação do conhecimento e das discussões sobre a História da saúde no Brasil, bem como sobre os

¹ Mestre em Educação pela UFRGS (2017); Especialista em Mídias na Educação pela UFPel (2013); Especialista em Patrimônio Cultural e Identidades pela ULBRA (2009); Graduado em História pela ULBRA (2006); Professor de História na Educação Básica nas redes municipais de Tupandi e Maratá, ambas do Rio Grande do Sul.

cuidados com a saúde no país, numa época ainda pouco explorada pela historiografia, no que diz respeito a esse tema e suas implicações para a sociedade brasileira.

2) Contexto histórico

A década de 1950 foi de grande agitação para a política brasileira. Primeiramente o retorno de Vargas à presidência através do voto popular bem como seu derradeiro ato, que o fez, literalmente, “entrar para a História” (SCHWARTZ;STARLING,2015, p.392), conforme sua carta testamento. E, em segundo lugar, Juscelino Kubitesch com seu Plano de Metas e a construção de Brasília no centro do país. Essas duas personagens da História brasileira, que ocuparam na mesma década o cargo de chefe da nação deixaram, cada um a sua maneira, marcas profundas na população. Vargas deixou como legado imediato um forte populismo que marcou sua atuação política. Enquanto Juscelino entregou Brasília, a nova capital federal. Não obstante isso, Juscelino “aprofundou o processo de industrialização e privilegiou o setor industrial de bens de consumo duráveis, alterando os hábitos e o cotidiano da população, que, deslumbrada e espantada, passou a conviver com um sem-número de novidades” (SCHWARTZ;STARLING, 2015, p.397).

No entanto, apesar do espírito desenvolvimentista que marcou a década de 1950, essa também legou para a década seguinte uma certa instabilidade que seria percebida já no processo eleitoral que conduziu Jânio Quadros e João Goulart, Presidente e Vice, respectivamente, ao Governo Federal em 1961. De partidos diferentes, algo permitido pela legislação do período, Jânio Quadros conseguiu, em poucos meses de governo, despertar a fúria de grande parte da sociedade brasileira. Em uma tentativa de angariar maior apoio junto à população, Jânio comete um erro de cálculo e acaba renunciando à Presidência, deixando o caminho livre para seu vice, João Goulart. No entanto, uma parcela significativa da sociedade brasileira tinha certo receio do que poderia acontecer caso Goulart assumisse a Presidência. Assim articula-se um movimento que pretendia impedir sua posse e, ao mesmo tempo disso, surge no Rio Grande do Sul o movimento da Legalidade, liderado por Leonel Brizola e contando com o apoio do Terceiro Exército, que defendia a posse de Jango. Por fim, após todas essas manifestações, João Goulart assume a presidência com poderes limitados, num arranjo político que contava com uma “solução parlamentarista” (NAPOLITANO, 2013, p.32).

Toda essa movimentação evidenciava que a sociedade brasileira estava dividida e que essa situação não seria resolvida por vias democráticas. Em pouco menos de dois anos aconteceria, no Brasil, um Golpe Militar que daria início a um governo que fortemente

marcado pelo autoritarismo e pelo uso da repressão como instrumento político. Para Napolitano (2013), o movimento de 1964 colocou, do mesmo lado, grupos distintos que temiam um inimigo comum: a ameaça comunista. Na mesma direção, Reis (2000) afirma que uma grande variedade de profissionais, dos diferentes setores da sociedade, acabaram por se posicionarem a favor do Golpe Militar. Nesse sentido, o apoio ao golpe percebeu-se também na imprensa. De acordo com Laurenza (2012), “a maioria dos grandes jornais do país apoiou, ao menos no início, o golpe militar de 1964” (LAURENZA, 2012, p.124).

No campo da economia, os primeiros movimentos do novo governo indicavam um alinhamento com o capital estrangeiro, principalmente, com os Estados Unidos da América (EUA). Existia a convicção, por parte dos membros do governo militar, da necessidade de modernizar o Brasil, bem como sua economia. Assim, buscava-se “facilitar a vida dos investidores e grandes corporações nacionais e multinacionais” (NAPOLITANO, 2013, p.75). De acordo com Ponte (2007), “o que se observou foi um intenso processo de concentração de riqueza expresso pela formação de grandes conglomerados nacionais, pela crescente presença de multinacionais na economia” (PONTE, 2007, p. 184).

Foi durante o Regime Militar que surgiu a expressão “milagre econômico”, utilizada para designar o grande crescimento brasileiro no período. Esse “milagre”, entendido como um crescimento sem precedentes na História do país, precisa ser visto em perspectiva. Convém considerar que esse desempenho, assim como o otimismo dos tempos de JK, estava inserido num contexto mais amplo, pertencente aos “Anos Dourados” do pós-Guerra (HOBSBAWN, 2011). Durante o próprio mandato de JK, por exemplo, já havia se iniciado o processo de aceleração da economia, através da vinda de fábricas de automóveis para o país (FAUSTO, 2002). Em face destes acontecimentos, o período de tempo, entre os anos de 1950 e 1980, se constituiu em uma época em que o brasileiro tinha a sensação de que faltavam apenas alguns passos para a formação de uma grande nação (MELLO; NOVAIS, 1998). A indústria diversificada produzia uma série de novos equipamentos e utensílios domésticos que, aos poucos, foram entrando na vida da população, em grande parte devido à oferta de crédito. Além disso, a mídia mostrava constantemente as grandes ações produzidas pelo governo militar, que acabava por alimentar esse sentimento ufanista.

Ainda durante a década de 1960, mais especificamente em 1968, seria lançada a Revista Veja. Seu objetivo, conforme nos diz seu primeiro editorial, seria aproximar o Brasil, deixando sua população informada sobre as mais variadas novidades que surgiam naquele momento. De acordo com seu primeiro editorial, o Brasil precisava de informação. Logo,

“não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância [...] precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte [...] Precisa acompanhar o *extraordinário desenvolvimento* [grifo meu] dos negócios” (VEJA, 11/09/1968). O objetivo da revista fica evidente já em seu primeiro editorial: manter a população informada acerca do novo que surgia pelo mundo. E, neste caso, os transplantes de coração enquadram-se bem nesse novo.

Um ponto importante da trajetória dos cuidados da saúde, em se tratando de Brasil, foram as atividades desenvolvidas pelos cirurgiões brasileiros, ainda na década de 1950. De acordo com Costa (1998), em se tratando de cirurgias no Brasil, já nos anos de 1950, “o progresso era rápido e a atividade intensa, mas tornava-se cada vez mais evidente que a cirurgia cardíaca fechada havia atingido seu ponto limite” (COSTA, 1998, p. 7). Desse período destacam-se, no Brasil, Euryclides Zerbini e Hugo João Felipozzi (COSTA, 1998). Alguns anos mais tarde, em 1967, o médico sul-africano, Christian Barnard realiza o primeiro transplante cardíaco do mundo (BRAILE; GODOI, 2012), técnica que seria reproduzida no Brasil, por Euryclides Zerbini, em 1968 (BRAILE; GODOI, 2012), e que teria “grande impacto na época, sendo motivo de destaque, tanto nos meios científicos, quanto na imprensa leiga, com vários jornais e revistas ocupando quase todo o espaço com o assunto” (BRAILE; GODOI, 2012, p.132-133).

Além dessa novidade quanto ao tratamento dos problemas de coração, passa a existir, de acordo com Cardoso (2013) uma maior concentração de capitais na indústria farmacêutica e também de equipamentos. De acordo com Menicucci (2003) observa-se no mesmo período um “um crescimento do setor médico empresarial após a expansão da assistência médica previdenciária” (MENICUCCI, 2003, p.78). E, junto a isso, observa-se no período analisado um aumento nos gastos da previdência devido ao maior consumo de equipamentos e medicamentos provenientes das indústrias especializadas. Assim, podemos afirmar que o momento histórico vivenciado pela sociedade brasileira era marcado por uma certa instabilidade política de um lado e por avanços na área médica e na área da assistência à saúde que poderão ser percebidos ao analisarmos as reportagens da Revista Veja

3) Aspectos Teóricos

Considero importante destacar que este artigo foi produzido a partir da perspectiva dos Estudos Culturais em Educação, o que significa dizer que na construção desta análise compreendo as revistas como portadoras de discursos que atuam na educação das pessoas.

Além disso, entendo que através da análise de uma revista, do tipo semanal, tal como a Revista Veja, seja possível identificar elementos que eram publicados visando uma determinada audiência. E, mais do que isso, compreendo que a análise da Revista Veja seja produtiva para se compreender quais eram as preocupações que existiam naquele momento histórico no que se diz respeito as questões relacionadas com a saúde. Compartilho com Costa e Andrade (2013) a compreensão de que “os artefatos da Comunicação educam, regulam condutas, subjetivam” (COSTA; ANDRADE, 2013, p. 8). E, mais do que isso, “os artefatos midiáticos criam padrões, modelo desejáveis que educam e produzem sujeitos constituídos segundo seus preceitos” (COSTA; ANDRADE, 2013, p.09). Assim, neste trabalho, visando identificar as maneiras como as reportagens de Veja buscam educar seus leitores, utilizo os conceitos de discurso (ROSE, 2001) e modos de endereçamento (ELSWORTH, 2001), os quais apresento a seguir.

Por discurso entendo, apoiado em Rose (2001), como “um grupo de enunciados que estruturam a maneira de algo ser pensado e a maneira de agirmos com base nesse pensar [...] que molda a forma do mundo ser compreendido” (ROSE, 2001, p. 136). Dessa forma, as reportagens de Veja acabam atuando enquanto um espaço educativo na medida em que nos ensinam “a seguir certos modos de pensar e agir” (ROSE, 2001, p.137). Outrossim, os discursos acabam nos orientando em determinada direção, informando a maneira de algo ser pensado e também entendido. Assim, através dos discursos presentes nas reportagens vamos constituindo nossa compreensão acerca de um determinado tema. Daí a relevância de se identificar os discursos existentes acerca dos transplantes visto que os mesmos podem nos oferecer um quadro, mesmo que geral, das ideias que circulavam sobre o assunto em questão.

Outro conceito utilizado nesta análise é aquele proveniente do cinema e adaptado por Ellsworth para a educação, conhecido como modos de endereçamento. De acordo com a autora a utilização desse conceito passa, fundamentalmente, pela seguinte questão: quem esse filme, ou neste caso, reportagem, pensa que eu sou? Para a autora, um artefato cultural precisa fazer sentido à audiência a quem se destina. De acordo com a autora “os filmes, assim como as cartas, os livros, os comerciais de televisão, são feitos para alguém. Eles visam e imaginam determinados públicos” (ELLSWORTH, 2001, p.14). Assim, ao publicar uma determinada reportagem, a mesma leva em consideração as ideias existentes no período, constituindo assim uma demonstração parcial das concepções da sociedade na qual foi produzida.

Dessa maneira, através da articulação de conceitos como estes apresentados aqui acredito ser possível, ao analisar as reportagens sobre transplantes publicadas por Veja, entre

os anos de 1968 e 1972, identificar o que se pensava sobre o tema naquele período. Mais do que isso, torna-se possível compreender quais eram as preocupações envolvendo os transplantes no recorte temporal selecionado bem como as possíveis soluções pensadas naquele período. E, por fim, analisar como aquela sociedade estava resolvendo seus problemas de saúde, ao menos aqueles relacionados aos transplantes de coração.

4) Discursos sobre Transplantes

O transplante de coração enquanto procedimento médico aconteceu pela primeira vez, no ano de 1967, na África do Sul, através do cirurgião Christian Barnard. A técnica desenvolvida foi logo festejada e amplamente divulgada pelos meios de comunicação. No caso do Brasil, isso não foi diferente. Aqui, a Revista Veja dedicou considerável espaço para os transplantes cardíacos, trazendo informações detalhadas sobre o procedimento bem como seus resultados. Assim, para a presente análise, selecionei dez reportagens que tratam do tema entre os anos de 1968 e 1972.

Recrutam-se nessas reportagens médicos e pesquisadores que lideram seus grupos de pesquisa em universidades nacionais e estrangeiras. Sempre apresentados como autoridades no assunto, como, por exemplo, o médico Hugo Felipozzi². De acordo com a revista, ele possui “recordes médicos em sua carreira: na América Latina foi o primeiro a fazer uma cirurgia de coração com circulação extracorpórea e o primeiro a implantar válvulas cardíacas artificiais” (VEJA, 13/09/72, p.54). Não obstante isso, a opinião do Dr. Denton Cooley³ também aparece na revista, neste caso, defendendo o procedimento de seus críticos. Para o médico “o transplante de coração não é um espetacular número de circo, como insinuam certos adversários nossos, mas sim uma operação comum com uma margem muito boa de segurança” (VEJA, 09/04/1969, p.52).

Essa exaltação ao trabalho dos médicos, em suas tentativas de transplantes, aparece já na primeira edição da revista, através de uma reportagem intitulada “Mãos de Ouro”, a qual articula uma defesa aos transplantes, funcionando como que uma propaganda do procedimento, ao mesmo tempo em que relaciona sua prática à nova vida que o paciente poderia ter, recebendo um coração transplantado. A reportagem inicia com uma pergunta: “Quem tem medo de cirurgia?” (VEJA, 11/09/1968, p.46) e, a partir disso, desenvolve uma

² O Dr. Hugo João Felipozzi foi o responsável pelo primeiro implante de marca-passos no Brasil (GOMES; SABA; BUFFOLO, 2005).

³ Cirurgião responsável por implantar o primeiro coração artificial (PRATES, 1999).

argumentação positiva, em torno do trabalho dos médicos brasileiros, que, de acordo com a própria revista, “vai ganhando o jogo contra a morte” (VEJA, 11/09/1968, p. 49).

Nas repetidas reportagens, acerca dos transplantes de coração, existe uma preocupação com a oferta de órgãos, assim como a chegada destes aos receptores, em condições, para utilização pela equipe médica. Evidencia-se nas reportagens a preocupação em assegurar corações para a realização dos transplantes. Assim, encontramos reportagens que propõem desde a criação de um banco de corações (Cardiobanco, VEJA, 01/01/1969) até mesmo a produção de corações artificiais (Coração de Plástico, VEJA, 09/04/1969; Coração Paulista, VEJA, 27/01/1971), passando pelo uso de marca-passos com baterias mais duráveis (Coração Atômico, VEJA, 13/09/1972) ou mesmo tratando das dificuldades em convencer os familiares de possíveis doadores sobre as potencialidades da doação de órgãos (O trágico e humano sentido da morte, VEJA, 11/09/1968). Esta última por sinal apresenta uma tentativa de romancear a autorização da doação do coração, para uma paciente.

No entanto, salvar vidas, através de transplantes, passa frequentemente por vencer a barreira imposta pelas famílias dos possíveis doadores. Para o médico americano, Denton Cooley, as dificuldades em utilizar esse “eficiente método de salvar vidas” ocorrem devido aos “protestos dos parentes do doador e [a]os problemas jurídicos por eles criados [que] surgem como forte obstáculo ao desenvolvimento dessa técnica” (VEJA, 15/01/69, p. 52). Na mesma reportagem, o médico, ao tratar das barreiras enfrentadas para conseguir doadores, fala das dificuldades pelas quais as famílias passam, ao tentar manter vivo alguém com morte cerebral. De acordo com o profissional, “o paciente segue vivo apenas por que possui uma equipe de médicos a sua disposição” enquanto que a “família precisaria lidar com a carga emocional [...] com mínimas esperanças de sobreviver” (VEJA, 15/01/1969, p.52). Lendo a reportagem intitulada “Quanto vale um coração quando o cérebro morre?” (VEJA, 15/01/1969, p. 52), fica evidente o aconselhamento médico que permeia a reportagem, ao sugerir que se proceda com a doação dos órgãos, para que assim se possa estender a vida de outros pacientes.

A partir dessa dificuldade em encontrar famílias dispostas a colaborar com os transplantes, é possível compreender melhor algumas reportagens, principalmente tratando-se daquelas que apresentam soluções a essa falta de doadores. Em “Cardiobanco, o coração a prazo curto” (VEJA, 01/01/1969) e “O coração atômico” (VEJA, 13/09/1972), evidenciam uma preocupação em relatar os avanços e progressos da medicina. Na primeira reportagem a revista traz, em suas páginas, uma proposta dotada de uma lógica quase comercial, visto que,

na medida em que houvesse necessidade, bastaria “encomendar um coração”. De acordo com a reportagem, poderia se desenvolver um centro de transplantes, no qual, através de procedimentos adotados em laboratório, seria possível “catalogar os vários tipos de tecidos dos doadores e receptores com bases universais, como já se faz com os grupos sanguíneos. E, na hora de encomendar um coração, basta enviar o ‘código’ do paciente para receber um órgão” (VEJA, 01/01/1969).

As reportagens tratam muito da produção de alternativas à doação de órgãos e, nelas, o elogio aos avanços científicos são uma constante. Na reportagem “Um coração de Plástico” (VEJA, 09/04/1969), por exemplo, relatam-se as pesquisas desenvolvidas pelo médico, Denton Cooley, na busca por um substituto ao coração, que, neste caso, seria uma espécie de artefato, além de comentar seus resultados. A revista utiliza de tom animado para informar sobre os testes, envolvendo “um coração mecânico, que já tem um pequeno motor para acionar a bomba cardíaca [...] tudo faz crer que o verdadeiro coração artificial estará batendo antes dos cinco anos previstos por Denton Cooley” (VEJA, 09/04/1969, p. 52).

Em “Corações Made In Brazil” (VEJA, 22/11/1971) a revista apresenta a tentativa de produzir em terras brasileiras um artefato que “será uma solução melhor que os transplantes (não haveria falta de corações de plástico, que [SIC] por serem de plástico, não provocaria rejeição)” (VEJA, 27/01/1971, p.54). Esse coração artificial apresentado pela publicação seria fabricado pelo Instituto de Tecnologia e Aeronáutica e, ainda conforme a revista, não seria “nem melhor nem pior que seus congêneres de outras partes do mundo” (VEJA, 27/01/1971, p.54). Assim, se por um lado esse tipo de reportagem mostra a busca por alternativas à falta de órgãos, por outro lado ilustra o ufanismo apresentado anteriormente, visto que o modelo nacional não seria, numa comparação realizada pela revista, inferior às versões estrangeiras.

Percebe-se em Veja o caráter pedagógico de suas reportagens que tratam do coração e mesmo dos transplantes. Na Revista, encontramos explicações sobre o órgão, seu funcionamento e também, como demonstrado anteriormente, às várias possibilidades que a ciência médica vêm testando para prolongar a vida dos pacientes que apresentam algum problema cardíaco. Percebe-se que, além do detalhamento, ao final, reforça-se a ideia da necessidade de substituir o coração, em alguns momentos. De acordo com a publicação,

no coração, o sangue chega pela aurícula direita – uma espécie de câmara – que o transfere para o ventrículo direito. Daí, através da artéria pulmonar, o sangue vai para os pulmões onde é purificado. Voltando pela veia pulmonar, ele passa pela aurícula e ventrículo esquerdos e é jogado novamente na circulação do corpo. Este é o aparelho, com seus circuitos, que às vezes precisa ser substituído. (VEJA, 30/10/68, p. 45).

Mas mesmo com os avanços apresentados e destacados pela Revista, a rejeição também é uma constante em suas páginas. Na reportagem “Vale a pena o transplante?” (VEJA, 27/08/1969), na qual se faz um balanço acerca da validade da técnica de transpor um coração, de um corpo para outro, buscando assim prolongar a vida de uma pessoa. Na reportagem a Revista trata da morte de Philip Blaiberg, um paciente sul-africano que, mesmo não sendo o primeiro transplantado do mundo, foi quem, até aquele momento, sobreviveu por mais tempo. A Revista faz um longo relato sobre os riscos provenientes da rejeição, fazendo um levantamento dos pacientes que submeteram-se ao procedimento, e listando o número de pessoas que, após a cirurgia permaneciam bem. Conforme dados levantados pela Revista no período, “calcula-se, por levantamentos esparsos, em mais de 150 o total de trocas de corações, das quais restariam 37 sobreviventes” (VEJA, 27/08/1969, p.46).

Para esses “sobreviventes” restaria então uma vida “normal”, adaptada a nova condição de transplantados. Esse é o assunto abordado em “Um ano de transplantes” (VEJA, 04/12/68). Nesta reportagem discute-se como as pessoas que passaram pela experiência do transplante conduziam sua vida após o procedimento. Nessa reportagem voltam a aparecer os riscos da rejeição e também os procedimentos utilizados por médicos, ao redor do mundo, para vencer as dificuldades relacionadas à rejeição ao novo órgão. Nessa reportagem, aparecem algumas das estatísticas referentes aos transplantes, bem como a posição de médicos que realizam esse tipo de procedimento. Além disso, reforçam-se os aspectos relacionados aos avanços das técnicas médicas. De acordo com a revista, “mais operações serão feitas por equipes qualificadas; as possibilidades de sobrevivência para as pessoas de coração irão ficando cada vez maiores” (VEJA, 04/12/68, p.49).

Mesmo tratando dos perigos da técnica, os argumentos positivos não desaparecem da revista. Insiste-se em relatar os casos de pacientes que retornam às suas atividades cotidianas e que, mesmo com alguns percalços, continuam demonstrando sinais de melhora. O médico responsável pela cirurgia, pioneiro no processo, Christian Bainard, responde à reportagem de Veja sobre a validade dos transplantes e sua eficácia: “sem a intervenção, qualquer daqueles meus pacientes não teria vivido mais de trinta dias. Graças ao transplante conseguimos prolongar este prazo de trinta para duzentos dias, isto é, aumentamos essas vidas em mais de 600 por cento” (VEJA, 27/08/1969, p.46).

Se considerarmos as reportagens de Veja como um ponto de partida, podemos pensar seu público leitor como um sujeito preocupado com as novas possibilidades de prolongar a

vida, principalmente através dos transplantes de coração. Outro ponto a ser destacado diz respeito a preocupação com os riscos da rejeição, visto que ela poderia colocar a perder um procedimento que, por si só já era bem complicado se considerarmos as dificuldades em encontrar doadores.

A preocupação com a eficácia dos transplantes pode ser identificada quando percebemos registros com o seguinte questionamento: “vale a pena fazer transplantes, já que a rejeição mata mesmo?” (VEJA, 27/08/69). Tomando as teorizações de Ellsworth (2001) como referência, compreendo se tratar de um tema que preocupava uma parcela significativa do público leitor de *Veja* e, devido a isso, esse tipo de reportagem acabava ganhando espaço nas páginas da revista.

Os discursos colocados em movimento aqui tratam do sucesso dos procedimentos cirúrgicos, e dos avanços que estes começam a alcançar devido, em grande parte, ao esforço das “mãos de ouro” de médicos de diferentes partes do mundo. Esse esforço, apresentado adiante, não se faz apenas pelo trabalho dos médicos, mas também dos profissionais envolvidos com a pesquisa de novos tratamentos. Em suma, há uma ideia de progresso fortemente registrada nas páginas da *Revista Veja*. E esses avanços, apregoados na revista, não podem ser pensados, dissociando o ufanismo característico do período e também os avanços próprios dos “Anos Dourados” (MELLO; NOVAIS, 1998).

Através das reportagens de *Veja*, vai se constituindo um sujeito doador de órgãos que ainda não existia. Em grande medida, porque a ideia dos transplantes era recente. De certa maneira, teremos, ao longo dos anos sessenta, se não o aparecimento, ao menos, a consolidação do sujeito cartesiano⁴, aquele que, de acordo com Ian Hacking, teria suas partes possíveis de serem trocadas (HACKING, 2006). Em outras palavras, os transplantes passam a se tornar uma prática recorrente, no que diz respeito aos tratamentos de doenças, principalmente, em se tratando de doenças cardíacas.

5) Considerações Finais

⁴ Ian Hacking em um artigo de 2006, intitulado “*The cartesian body*” – que se encontra entre as referências bibliográficas deste trabalho – argumenta que passamos por uma transformação que mudou nossa relação com nosso corpo. Para o autor, agora podemos tratar “o corpo como um conjunto de peças de reposição [...] enxertos de pele, os implantes de córneas, *stents*, transplantes de órgãos [tradução minha]” (HACKING, p.14, 2006). Essa transformação não afetou apenas nosso corpo, mas a maneira como nos relacionamos com ele e também as relações sociais de uma maneira geral. Peças cambiáveis, passíveis de troca no limite, que sejam encontrados os doadores certos e que os pré-requisitos de ordem médica e biológica permitam a doação. Por esse ponto de vista, todos seríamos parte de um gigantesco banco de órgãos, uma vez que, atendidos os pré-requisitos, qualquer um poderia receber ou doar órgãos.

Este artigo buscou examinar os discursos sobre transplantes em uma publicação semanal específica e, assim, acabou encontrando posições muito próprias acerca dessa temática. Talvez o cotejamento deste material com outras publicações, ou ainda, com publicações médicas do período possibilitasse resultados diferentes dos quais foram encontrados. No entanto, o que se procurava era, a partir de uma publicação de relevância nacional, com ampla circulação em setores médios da população, verificar o que poderia estar se pensando naquele momento histórico específico em relação aos transplantes de coração. A partir disso, foi possível encontrar quatro posições, as quais demonstro abaixo.

Ao analisar as reportagens de *Veja* selecionadas para este trabalho é possível perceber um constante enaltecimento aos médicos e a sua capacidade de dar solução para problemas que, na ótica da Revista, são de ordem estrutural. Acontece também o permanente elogio ao que é produzido no Brasil, principalmente em relação aos equipamentos provenientes de médicos brasileiros. Prática a qual está em concordância com o ufanismo do período e característico do Regime Militar que comandava o país.

Outro ponto a ser destacado é o papel “pedagógico” de *Veja*. Em vários momentos a Revista “ensina” - conforme discutido anteriormente - a respeito dos transplantes e, faz isso na medida em que apresenta informações sobre os procedimentos, demonstra com imagens e dá voz a especialistas no assunto. Ao dar espaço para essa temática e ordenar essas informações, a Revista *Veja* vai “educando” seu público leitor, colaborando com que passem a compreender essas novas possibilidades de prolongamento da vida e de combate aos problemas cardíacos.

E, além destes elementos, compreendo que essas reportagens de *Veja* evidenciam a existência de um público leitor interessado nesse tipo de assunto por dois motivos: a novidade representada pelos transplantes e a possibilidade de combater um problema que preocupava a população naquele momento histórico. Assim, a existência dessas reportagens demonstra uma demanda por informação que a Revista buscava atender e, também, deixa mais evidente a existência de uma parcela da população que se preocupava com os problemas cardíacos. Logo, publicava-se sobre isso pois esse tipo de matéria fazia sentido para aquela sociedade, naquele momento histórico específico.

6) Referências Bibliográficas

BRAILE, Domingo Marcolino ;GODOY, Moacir Fernandes de. História da cirurgia cardíaca no mundo. Rev. Bras. Cir. Cardiovasc. São José do Rio Preto, v.27, n.1, p.125 – 136, março 2012.

CARDOSO, Felipe Monte. **A saúde entre os negócios e a questão social: Privatização, Modernização e Segregação na Ditadura Civil-Militar (1964-1985)**. 207p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). UNICAMP, Campinas, 2013.

COSTA, Iseu Affonso da. História da cirurgia cardíaca brasileira. Rev. Bras. Cir. Cardiovasc. São Paulo, v.13, n.1, p. 1 – 7, jan. 1998.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte. Na produtiva confluência entre Educação e Comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. In: 36ª RN ANPED, Goiânia, out. 2013. GT 16ª “Educação e Comunicação”. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt16_trabalhos_pdfs/gt16_2912_texto.pdf. Acessado em 22 de julho de 2017.

ELLSWORT, Elisabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In.: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P.7 – 77.

FAUSTO, Bóris. **A História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora EDUSP, 2002.

GOMES, Walter J.; SABA, João C.; BUFFOLO, Enio . 50 anos de circulação extracorpórea no Brasil: Hugo J. Felipozzi, o pioneiro da circulação extracorpórea no Brasil. In:Rev Bras Cir Cardiovasc vol.20 no.4 São José do Rio Preto Oct./Dec. 2005. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-76382005000400002 Acessado em: 22 de julho de 2017.

HACKING, Ian. **The Cartesian body**. BioSocieties, London, n. 1, p.13-15, 2006.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda. In.:MARTINS, Ana Luiza Martins; LUCA, Tania Regina de (Orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo, Editora Contexto: 2012. P.122-140.

MELLO, João Manuel Cardoso de.; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **A História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 559-658.

MENICUCCI, Telma Maria Gonçalves. **Público e Privado no Brasil: Atores, Processos e Trajetória**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 402p. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo, Editora Contexto: 2013.

PONTE, Carlos Fidelis. Política econômica e alterações nos quadros epidemiológicos e sanitários do país. Disponível em: http://www.observatorio.epsjv.fiocruz.br/upload/na%20corda%20bamba/cap_6.pdf .

Acessado em: 20 de julho de 2017.

PRATES, Paulo R. Pequena história da cirurgia cardíaca: e tudo aconteceu diante de nossos olhos... In: Rev Bras Cir Cardiovasc vol.14 n.3 São Paulo July 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-76381999000300001
Acessado em 22 de julho de 2017.

REIS, Daniel Arão. **Ditadura militar, esquerdas e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies**: an introduction to the interpretation of visuals materials. Londres: Sage, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

STOLF, Noedir A. G.;BRAILE, Domingo M.: Euryclides de Jesus Zerbini: uma biografia. In:Rev Bras Cir Cardiovasc vol.27 no.1 São José do Rio Preto Jan./Mar. 2012. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-76382012000100020
Acessado em: 22 de julho de 2017.

7) Reportagens analisadas

Cardiobanco, o coração a prazo curto. VEJA. 01 janeiro de 1969. P.47.

Coração Atômico. VEJA. 13 de setembro de 1972. P.54

Coração Paulista. VEJA. 27 de janeiro de 1971. P.54.

Corações Made In Brazil. VEJA. 22 de novembro de 1971. P.54-56.

Mãos de Ouro. VEJA. 11 de setembro de 1968. P.46-48.

O trágico e humano sentido da morte. VEJA. 11 de setembro de 1968. P.51.

Quanto vale um coração quando o cérebro morre? VEJA. 15 de janeiro de 1969. P.45.

Um ano de transplantes. VEJA. 4 de dezembro de 1968. P.49.

Um coração de Plástico. VEJA. 09 de abril de 1969. P.47.

Vale a pena o transplante?. VEJA. 27 de agosto de 1969. P.46 – 49.